

SOCIALIZACIÓN DOCENTE EN EDUCACIÓN MILITAR: LA VOZ COMO DISPOSITIVO Y LA ENSEÑANZA COMO TRABAJO MORAL

Regina Zanella Penteadó

rzpenteadó@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2357-9380>

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Rio Claro, Brasil.

Tamara Aretta Mauerberg Teche de Farias

tamaramteche@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6041-6874>

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Rio Claro, Brasil.

Samuel de Souza Neto

samuel.souza-neto@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8991-7039>

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Rio Claro, Brasil.

Recibido: 30/03/2022 **Aceptado:** 22/06/2022

Resumen

El artículo establece un diálogo interdisciplinario entre Educación, Educación Física y Logopedia y considera la agenda conservadora del Estado brasileño, operando en la política educativa basada en la tecnología moral de la educación militar. El objetivo es analizar los dispositivos de formación y socialización docente en una institución educativa militar, con atención a la voz de mando, por parte del docente, en relación con la idea de docencia como profesión. La profesionalización docente, referenciada por Tardif (2003), exige la docência passar de conceptos antiguos (vocación y oficio) a contemporáneos (profesión); con atención para la socialización profesional (NÓVOA, 2017). Se trata de una investigación cualitativa de carácter documental y empírico que emplea análisis de contenido de datos de documentos de una Pasantía de Adaptación Técnica/PAT de la Aeronáutica Brasileña y de entrevista a tres docentes de Educación Física. El proceso de enseñanza/aprendizaje de la voz de mando figura como dispositivo de control que afirma la docência militar como trabajo moral, en una formación alineada con la enseñanza como vocación/oficio. La voz de mando, como dispositivo de formación y socialización docente en PAT, muestra las contradicciones entre la educación militar, guiada por la enseñanza moral, y el proyecto de profesionalización docente.

Palabras clave: Profesionalización Docente. Voz de Mando. Educación Física. Expresividad.

SOCIALIZAÇÃO DOCENTE NO ENSINO MILITAR: A VOZ COMO DISPOSITIVO E O ENSINO COMO TRABALHO MORAL

Resumo

O artigo estabelece diálogo interdisciplinar entre Educação, Educação Física e Fonoaudiologia e considera a atual agenda conservadora do Estado brasileiro, a operar na política educacional com base na tecnologia moral da educação militar. O objetivo é analisar os dispositivos de formação e socialização docente em uma instituição educacional militar, com atenção para o uso da voz de comando, na relação com a ideia de docência como profissão. O artigo é referenciado pela profissionalização do ensino (TARDIF, 2003), o que demanda passagem de concepções antigas (vocação e ofício) para contemporâneas (profissão), com atenção para a socialização profissional (NÓVOA, 2017). Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter documental e empírico, com análise de conteúdo de dados de documentos de um Estágio de Adaptação Técnica/EAT da Aeronáutica Brasileira e de entrevistas a três professores de Educação Física. O processo de ensino/aprendizagem da voz de comando figura como dispositivo de controle que afirma a docência militar como trabalho moral, na reprodução de uma formação alinhada à docência como vocação/ofício. A voz de comando, como dispositivo de formação e socialização docente no EAT mostra contradições, entre a educação militar, pautada pelo ensino de caráter moral, e o projeto de profissionalização do ensino.

Palavras-chave: Profissionalização Docente. Voz de Comando. Educação Física. Expressividade.

TEACHING SOCIALIZATION IN MILITARY EDUCATION: VOICE AS A DEVICE AND TEACHING AS A MORAL WORK

Abstract

The article establishes an interdisciplinary dialogue between Education, Physical Education and Speech-Language-Pathology and considers the Brazilian State's conservative agenda, operating in educational policy based on the moral technology of military education. The objective is to analyse the devices of teacher education and socialization in a military educational institution, with attention to the use of the command voice, by the teacher, in relation to the idea of teaching as a profession. The article is referenced by the teaching professionalization (TARDIF, 2003), with regard to moving from old concepts (vocation and craft) to contemporary (profession), paying attention to professional socialization (NÓVOA, 2017). It is a qualitative research of documentary and empirical character with content analysis of data from documents of a Technical Adaptation Internship/TAI of the Brazilian Aeronautics and from interview to three Physical Education teachers. The teaching/learning process of the command voice figure as a control device that affirms military teaching as a moral work, in the reproduction of teaching model as vocation/craft. The command voice, as a device for teacher education and socialization in the TAI, shows the contradictions between military education, guided by moral teaching, and the project of teaching professionalization.

Keywords: Teaching Professionalization. Command Voice. Physical Education. Expressiveness.

1. Introdução

Produzido no cenário educacional brasileiro, este artigo estabelece diálogos interdisciplinares entre a Educação, a Educação Física e a Fonoaudiologia (Logopedia)¹, ao focalizar a voz de comando (VC), no âmbito dos dispositivos de formação de um Estágio de Adaptação Técnica/EAT de professores de Educação Física (EF) em instituição educacional militar (Comando da Aeronáutica Brasileira/COMAER), como elemento da socialização de professores no meio militar.

O artigo é referenciado pela profissionalização docente – no que diz respeito ao ensino passar de concepções antigas (vocação e ofício) para contemporâneas: profissão (TARDIF, 2003); e à necessária atenção para o processo de socialização e desenvolvimento profissional docente que se dá no “tempo entre-dois” (NÓVOA, 2017).

No atual contexto político conservador, de um governo de extrema direita, instalado desde 2016 e consolidado a partir das eleições presidenciais de 2018, autores como Diniz-Pereira (2021) identificam que, de maneira semelhante ao que ocorreu durante os governos militares ditatoriais no Brasil entre os anos 1964 e 1985, as políticas educacionais exprimem uma tentativa de padronização e controle dos currículos dos cursos de formação de professores no país (o que se dá mediante um alinhamento entre as diretrizes curriculares nacionais para a formação docente e a Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica). Neste cenário, a agenda conservadora do Estado brasileiro opera na política educacional, pautada pela tecnologia moral da educação militar e do controle da escola, mediante modelos autoritários de base hierárquica e comportamental (AMARAL e CASTRO, 2020); sendo uma das expressões desta agenda a criação de centenas de Escolas Cívico-Militares/ECMs pelo país (MEC, 2019). Disto apreende-se que, nos próximos anos, muitos professores com formação civil poderão vir a exercer a docência em instituições educacionais de modelo militar - o que demandará uma socialização docente muito peculiar, que vale ser conhecida, compreendida e analisada.

Um ponto chave no processo de socialização militar é a presença de uma pedagogia do corpo: a relação dos militares com o corpo é de suma importância para que se possa compreender o controle social e as relações sociais no meio militar - haja vista a “interface do corpo com a dominação simbólica” (ROSA e BRITO, 2010; p. 200).

¹Área que trabalha com os diferentes aspectos da comunicação humana. Os fonoaudiólogos atuam junto a profissionais da voz, com a expressividade oral, há 40 anos (SANTOS, FERREIRA, 2020).

Farias, Penteadó e Souza-Neto (2021) identificaram que a ação de comando figura na socialização militar de professores de Educação Física (EF) na planificação do ensino e nas representações de corpo que atuam na manutenção das lógicas de controle militar, mediante uma pedagogia pautada pela codificação das práticas e pela imitação/reprodução de modelos – portanto oposta à preconizada pela literatura que versa sobre a docência como profissão.

Cabe ressaltar que a voz de comando (VC) é o recurso expressivo mais empregado pelos oficiais militares (SOEIRO e TUBINO, 2003; NASCIMENTO, 2014) e pelos professores de EF, para comandarem os movimentos, os exercícios, o ritmo e a cadência com os quais o grupo, em formação, deverá executá-los. A VC é, também, um marcador da trajetória histórica de influência militar da disciplina de EF escolar da Educação Básica, sendo empregada, pelos professores, no incentivo, no desencadeamento e na manutenção do movimento corporal dos escolares (PEDERSEN e DRAGONE, 2018).

Sabe-se que o professor tem, na voz, um dos principais recursos de trabalho, com necessidades de demanda vocal intensa, plasticidade e saúde vocal. O corpo e a voz integram a linguagem e a expressividade do professor (BEHLAU, DRAGONE e NAGANO, 2004). Contudo, a voz dos professores é pouco ou nada tematizada na formação docente (FERREIRA *et al.*, 2014; DRAGONE e GIOVANNI, 2014) e comumente desconsiderada em pesquisas com professores de EF escolar (PEDERSEN e DRAGONE, 2018).

Uma caracterização da VC militar indica um gesto vocal padronizado para informações e comandos transmitidos com autoridade, clareza e vigor (SANTOS, 2005; BEHLAU e SAVIOLLI, 2006; PEREIRA e GAYOTTO, 2006; VASCONCELOS *et al.*, 2006). A VC é potente, incisiva, imperativa e determinada; é caracterizada pela gravidade e intensidade forte/elevada, assim como por esforço vocal e presença de ruído e instabilidade (NASCIMENTO, 2014; PEDERSEN e DRAGONE, 2018). Contudo, a literatura sobre a VC não contempla a socialização profissional de professores em instituição militar.

Barros Filho (2005), abordou a construção social da voz no espaço social e afirmou que as manifestações vocais são a objetivação de aprendizados e adequações a situações de existência social que envolvem relações de força e poder. A voz é objeto de socialização.

Este artigo objetiva analisar dispositivos de formação e socialização profissional de professores em instituição educacional militar, com atenção para o uso da VC por professores de EF participantes de um EAT do COMAER.

Algumas questões orientam o estudo: Quais os dispositivos de aprendizagem da VC? Como eles se caracterizam (agentes de formação; conteúdos contemplados; práticas pedagógicas; abordagens, estratégias, recursos e avaliação? O que a expressividade do professor de EF, no recorte da VC, possibilita apreender, a respeito da socialização docente no contexto educacional militar; e da docência perspectivada como profissão?

2. Metodologia

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter documental e empírico que emprega a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2010) para tratamento de dados de documentos e entrevista. O artigo integra pesquisa mais ampla, com aprovação CEP 4.328.

O cenário institucional militar da pesquisa é o do COMAER, no recorte do contexto de um processo de formação e socialização profissional de docentes em instituição educacional militar: o EAT da Academia da Força Aérea Brasileira/FAB, situada em um município do interior do Estado de São Paulo, Brasil. Cabe observar que é no EAT que os professores formados em instituições civis têm os primeiros contatos com o ensino militar e com as suas práticas pedagógicas.

São referentes ao EAT as fontes documentais e de entrevista (sujeitos participantes).

Fontes de dados documentais e a análise dos documentos

Configuram fontes de documentais cinco dos principais documentos dos processos formativos do EAT, diversificados quanto ao seu caráter (curricular, normativo, plano de ensino, avaliativo, referência, manual e regulamento). Os documentos foram acessados remotamente via site oficial do COMAER, entre julho e agosto de 2020. São eles:

- a) Manual de Ordem Unida (MOU)² para o Comando da Aeronáutica (MCA) de nº. 50-4/2019 (BRASIL, 2019);
- b) Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (RCONT) (BRASIL, 2009).
- c) Currículo Mínimo (CM) - Instrução do Comando da Aeronáutica de nº. 37-393, da 1ª fase do EAT (BRASIL, 2015);

² Cabe observar que o Manual da Ordem Unida comporta uma universalidade do âmbito das Forças Armadas, uma vez que ele absorveu regulamentos, normativos e instruções do Exército Brasileiro o qual, por sua vez, teve documentos herdados do Exército Português, sob influências militares alemã e francesa (BRASIL, 2019).

- d) Plano de Unidades Didáticas (PUD) da 1ª Fase do EAT (BRASIL, 2015-a);
- e) Plano de Avaliação (PAVL), da 1ª Fase do EAT (BRASIL, 2015-b).

Os documentos foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2010) envolvendo as etapas: a) Pré-análise: leituras dos documentos; b) Exploração do material: identificação de temas, seleção de trechos significativos e identificação de conteúdo e núcleos de sentidos para organização em categorias temáticas; c) Tratamento e interpretação dos resultados e aprofundamento da análise, à luz do referencial teórico.

A técnica de análise de conteúdo permitiu focalizar a temática da VC nas relações entre o conteúdo dos discursos dos documentos e aspectos exteriores; bem como identificar categorias referentes a seus significados, realidades e formas de pensamento, compreensão, utilização e aplicação. A análise de conteúdo possibilitou, do mesmo modo, identificar como a VC emerge nos documentos, assim como nas práticas e ações pedagógicas implicadas em seu processo de ensino/aprendizagem, contribuindo tanto para a análise da socialização docente no ensino militar como para a relação deste processo formativo e socializador com a ideia de construção da docência como uma profissão.

Fontes de dados de entrevista – os professores participantes

São participantes da pesquisa são três professores de Educação Física (EF) que realizaram o EAT no período entre julho de 2019 e julho de 2020 e que, na ocasião da entrevista, atuavam como docentes (instrutores) de EF na Academia da Força Aérea Brasileira/FAB do COMAER. Os participantes (S1, S2 e S3) responderam a uma entrevista composta por questões abertas semi-estruturadas, as quais abordaram os seguintes aspectos relativos à VC militar: desenvolvimento da VC durante o EAT; os agentes envolvidos no ensino da VC; fontes, métodos, estratégias de aprendizado da VC; facilidades encontradas e dificuldades enfrentadas para a aprendizagem; o desenvolvimento e o uso da VC.

As entrevistas se deram de modo remoto, o que se mostrou uma alternativa frente a situação de distanciamento social requerida no contexto de pandemia de Covid-19 (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2020; SCHMIDT, PALAZZI e PICCININI, 2020). As questões foram enviadas por e-mail, no início da segunda semana do mês de outubro de 2020, sendo essa a mesma via de resposta - exceto um participante que preferiu apresentar sua resposta

gravada em mensagem de áudio via *Whatsapp* (a gravação foi transcrita pelos pesquisadores). Todos os participantes apresentaram suas respostas na mesma semana.

A análise de conteúdo (BARDIN, 2010) foi empregada nas entrevistas, permitindo organizar as respostas em categorias temáticas: características da VC; dispositivos e agentes de formação; aprendizado; dificuldades enfrentadas e facilidades.

3. Resultados e Discussões

Socialização docente no ensino militar: a voz como dispositivo e o ensino como trabalho moral

Os quadros 1 e 2 apresentam os resultados da análise de conteúdo dos documentos, priorizando aqueles atinentes à VC - atenta-se para os descritivos e os indicativos de realização dos comandos que envolvem a voz buscando neles busca indícios que remontam à expressividade e a aspectos de recursos e parâmetros vocais.

A análise documental possibilitou identificar a VC e classificar os conteúdos a ela referentes em categorias: tipos de VC; definição; descritivos e modos de realização (Quadro 1). Permitiu, ainda, identificar e classificar outros conteúdos relativos à VC, quais sejam: agentes de formação; objetivos e conteúdos formativos; práticas pedagógicas e avaliativas (Quadro 2).

O quadro 1 sintetiza os comandos e os meios de comando, apresentados no MOU, com ênfase no objeto “Voz”, caracterizado como “Voz de Advertência”, “Voz de Comando” propriamente dito; e “Voz de Execução”.

Quadro 1– Análise documental - Manual da Ordem Unida/MOU: voz como comando e meio de comando.

COMANDOS E MEIOS DE COMANDO: A VOZ			
Caracterização		Definição	Descritivos e Indicativos de Modos de Realização
Tipos			
MOU	Voz de Advertência	É um alerta dado à tropa, prevenindo-a para o comando que será enunciado.	“GRUPOS!”, “PRIMEIRO ESQUADRÃO!”, “ESQUADRILHA!”, “COMPANHIA!” ou “PELOTÃO!”. Observação: para uma sequência de comandos, a voz de advertência é dada somente antes do primeiro comando. Ex: “PRIMEIRO ESQUADRÃO!”, “SENTIDO!”, “OMBRO-ARMA!”, “APRESENTARARMA!”, “OLHAR A DIREITA!”, “OLHAR EM FRENTE!”.
		É o comando dado à tropa por meio de	“DIREITA!”, “ORDINÁRIO!”, “PELA COLUNA A ESQUERDA!”, “ACELERADO!”, “CINCO PASSOS EM FRENTE!”

	<p>Voz de Comando</p>	<p>fraseologia padronizada.</p> <p>É emitida após a voz de advertência.</p> <p>A finalidade é indicar o movimento a ser realizado pelos executantes.</p>	<p>Ex: (militares em posição de sentido) - “ESQUADRÃO, ORDINÁRIO!” (ordinário atua como voz de execução para o movimento intermediário de “Ombro Arma” ou de “Arma-Suspensa”); “MARCHE!” (deslocamento); “GRUPAMENTO, DIREITA, VOLVER!” (militares viram para a direita). Obs: às vezes o comando impõe a realização de movimentos que devem ser executados pelos militares antes da voz de execução.</p> <p>Faz-se necessário que o comandante enuncie estes comandos de <i>maneira enérgica</i>, definindo com exatidão o momento do movimento intermediário e dando aos militares o tempo suficiente para realizarem este movimento, ficando em condições de receberem a voz de execução. É necessário que haja <i>um intervalo</i>, entre o comando propriamente dito e a voz de execução, quando os comandantes subordinados podem emitir vozes complementares.</p> <p>Por vezes, para facilitar a realização do movimento pela tropa, faz-se preciso que o comando propriamente dito seja emitido de maneira <i>alongada</i>, com <i>pronúncia correta</i> de todas as palavras.</p>
	<p>Voz de Execução</p>	<p>Tem por finalidade determinar o exato momento em que o movimento deve começar ou cessar, devendo ser curta, viva, enérgica e segura.</p> <p>Tem que ser mais breve que o comando propriamente dito e mais incisiva.</p>	<p>Quando a voz de execução for constituída por uma palavra oxítone (que tem a tônica na última sílaba), é aconselhável um certo alongamento na enunciação da(s) sílaba(s) inicial(ais), seguido de uma enérgica emissão de sílaba tônica. Exemplo: “VOLLL-VER!”</p> <p>Quando a tônica da voz de execução cair na penúltima sílaba, é imprescindível destacar esta tonicidade com precisão. Nestes casos, a sílaba final praticamente não se pronuncia. (“MARRR-che!”, “EM FRENNN-te!”, “ARRR-ma!”, “PASSS-so!”).</p> <p>Por vezes o comando funcionará como voz de execução. Nesse caso (...) é aconselhável um alongamento na enunciação da sílaba anterior, seguido de enérgica emissão de sílaba tônica. Exemplo: “PERRRFI-LAR!”, “COOO-BRIR!”, “SEEEN-TI-DO!”, “DESCANNN-SAR!”; já a tônica coincidindo com a primeira sílaba, não se deve alongá-la (“AL-TO!”).</p> <p>As vozes de comando devem ser claras, enérgicas e de intensidade proporcional ao efetivo dos executantes. Uma voz de comando emitida com indiferença só poderá ter como resultado uma execução displicente.</p> <p>O comandante deverá emitir as vozes de comando na posição de “sentido”, com a frente voltada para a tropa, de um local em que possa ser visto e ouvido claramente por todos.</p> <p>Nos desfiles à frente da tropa, deverá emitir as vozes de comando com a face para o lado oposto àquele em que estiver a autoridade/o símbolo a quem prestará continência.</p> <p>As vozes de comando devem ser rigorosamente padronizadas, para que a execução seja sempre uniforme. Para isso, é necessário que os instrutores de ordem unida as pratiquem individualmente, antes de comandarem uma tropa.</p>

Fonte: BRASIL (2019).

O quadro 2 apresenta os resultados da síntese de documentos do EAT com ênfase na temática da VC e a caracterização dos seus dispositivos de aprendizagem: agentes de ensino;

objetivos/conteúdos; práticas pedagógicas e avaliativas da aprendizagem.

Quadro 2 – Análise documental do dispositivo EAT: a voz de comando.

VOZ DE COMANDO (EAT)			
Agente de Formação	Objetivos / Conteúdos	Práticas Pedagógicas	Avaliação
Instrutor Militar	<p>Compreender a importância da Ordem Unida para o militar, assim como da <i>voz de comando para o Oficial</i>. Identificar as <i>partes</i> que compõem a voz de comando. Identificar os meios de comando: <i>voz</i>, gesto, corneta e/ou apito, ordens e <i>voz de comando</i>. Valorizar a <i>correta utilização da voz de comando</i>. “<i>Executar comandos de tropa à viva voz com habilidade</i>”. Comandar fração de tropa em formatura.</p>	<p>Os estagiários deverão <i>praticar a voz de comando</i>. Estratégia: treinamentos individuais e coletivos com auxílio de instrutor. Orientações para a instrução: desenvolvimento de partes simples para difíceis; aulas de curta duração, organizadas em momentos de explicação, de demonstração e de execução individual.</p>	<p>Modalidade: Somativa Instrumento: Ficha de Avaliação Itens avaliados: * <i>Clareza</i> (intervalos) * <i>Energia</i> (entonação da voz) * <i>Intensidade</i> da voz Crítérios: Certo/Errado</p>

Fonte: BRASIL (2009, 2015; 2015-a; 2015-b).

O quadro 3 apresenta o resultado da análise de conteúdo das entrevistas, a partir das percepções dos professores referentes à aprendizagem da VC. São apresentados os temas emergentes e os excertos a eles correspondentes, por categorias: os dispositivos; o agente; o aprendizado; as características; as dificuldades e as facilidades.

Quadro 3 – Percepções de professores referentes à aprendizagem da voz de comando: categorias (temas e excertos).

APRENDIZAGEM DA VOZ DE COMANDO	
Categorias Temáticas	Percepções dos Professores
Características da Voz de Comando	<p>Devemos falar em volume alto e com firmeza, na entonação adequada e alto o suficiente para todos escutarem. Sempre utilizando as mesmas palavras (S1). A voz precisa ser com uma entonação de voz alta, clara e objetiva (S3).</p>

Os Dispositivos	O documento Ordem Unida não fala especificamente de voz de comando, mas ajuda (S2). Em relação de como é aprendida a voz de comando, é no EAT (S2). Eles também deram dicas de alguns vídeos (...) são todos meios de aprendizagem (S1). No começo foi tudo pela verbalização e método de repetição na prática do dia a dia (S3). Posteriormente foi passado em aulas e arquivo “PDF” (S3).
O Agente de Formação	Repetindo o que o instrutor fala. Ele ensina e reproduzimos a voz de comando (S1). Também aprendi observando e perguntando para os Tenentes mais antigos (S2). Tenentes responsáveis pela instrução (S3).
O Aprendizado	O Instrutor fala, ele ensina e reproduzimos a voz de comando (...) a maneira como é aprendida a voz de comando é através da repetição, o que ele faz nós repetimos (S1). O aprendizado das vozes de comando foi pelo método de muita repetição (S3).
As Dificuldades	A dificuldade talvez seja a entonação e falar alto, vindo de um meio em que se fala baixo (S2). Tivemos aulas sobre como dar a voz de comando, como entroná-la, por exemplo; mas não tivemos nada sobre qualidade vocal ou parâmetros vocais (S2). A principal dificuldade no começo foi em assimilar a quantidade de informações ao mesmo tempo (...) no começo tive um pouco de dificuldade, mas depois começou a fluir - a entonação da voz, principalmente (S3). A voz de comando foi apenas mais uma das dificuldades por ser algo novo que nunca havia feito. Depois de certa idade vamos tendo mais dificuldades em algumas coisas (S3).
As Facilidades	Eu, por exemplo, não tive tanta dificuldade em executar o comando. Não sei se eu falo corretamente, mas eu não tinha vergonha como os demais (S1). Eu sabia como falar em público. Então vai da formação de cada pessoa (S1). A voz de comando facilita muito o trabalho, pois todos já estão adestrados àquelas palavras naquela entonação. Então, quando se usa, a resposta é instantânea (S2). Eu tive um pouco de dificuldade no começo, mas depois foi ficando mais fácil a medida que foi sendo treinado no dia-a-dia (S3).

Fonte: Entrevista com os instrutores/professores (Autores, 2020).

Os quadros 1 e 2 mostram como o MOU e o EAT comportam práticas formativas prescritivas e modelares (os documentos trazem caracterizações, descrições e indicações de como proceder a realização da VC e exemplos que servem de modelos e/ou padrões tidos como “corretos” a serem seguidos/reproduzidos e avaliados pelo critério “certo”/“errado”). Já o quadro 3 mostra como vídeos podem ser complementares dessa aprendizagem modelar.

Nota-se que o processo formativo do EAT não oportuniza a identificação dos limites das condições de produção vocal de cada um e, tampouco, o desenvolvimento amplo dos potenciais expressivos vocais dos professores. Os documentos precisam os contornos e os limites dos modos de realização (quadro 1) e os efeitos esperados (avaliação - quadro 2).

Neste sentido, se faz possível relacionar a VC a um dispositivo, compreendido por Foucault (2014; p. 244) como uma rede sutil tecida entre elementos como “instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” tendo em vista a produção de efeitos de modelagem, enquadramento, racionalização, prescrição, normalização, ordenação e controle.

O dispositivo é, assim, uma tecnologia do poder envolto em relações de força a serviço de um processo de dominação.

Albero (2010) trata de dispositivo como um artefato funcional de atividade racional controlada - o dispositivo materializa uma organização de objetos, atores, estruturas e sistemas de relacionamento com o espaço, o tempo, os objetos e as pessoas; nele, potenciais de ação são induzidos, enquanto outros são impedidos, ignorados ou negligenciados. Tal visão de dispositivo inclui limites e desvios que se mostram contraproducentes, quando se trata de desenvolver habilidades requeridas no mundo profissional.

Já Dodier e Barbot (2017) consideram documentos como dispositivos, levando em conta o conjunto de regras, normas, redes, interações e linguagem- o agenciamento de elementos heterogêneos materiais e lingüísticos que influenciam, produzem, criam, qualificam e transformam condutas das pessoas e práticas sociais.

Deste modo, a considerar os quadros 1, 2 e 3, entende-se que, no EAT, a VC pode ser um dispositivo com agenciamento de elementos heterogêneos - escritos e orais, narrativos e não narrativos (DODIER e BARBOT, 2017) – o qual se alinha a um artefato funcional de atividade racional controlada (ALBERO, 2010).

Ademais, por ser a voz um elemento de socialização (BARROS FILHO, 2005), é possível considerar que, no âmbito militar, a VC - tal como escrita e/ou prescrita nos documentos MOU e EAT – figura como um dispositivo que contribui para a composição do *habitus* militar (ATASSIO, 2010; BRAND, 2014) integrando assim, o processo de socialização que consiste na passagem de professor civil a instrutor militar.

Neste cenário, os quadros 1, 2 e 3 explicitam que o agente que ensina a VC é um oficial militar. Vale notar a inexistência de um agente fonoaudiólogo especialista na área de voz profissional/voz do professor que, neste contexto educacional, seria o profissional habilitado para subsidiar o processo de formação com elementos teóricos, conceituais, técnicos e práticos referentes aos usos e aos cuidados com a voz profissional.

Referente às práticas pedagógicas, os treinamentos físicos são estruturados em graus de dificuldade (simples/difícil) desenvolvidos em aulas de curta e longa duração organizadas em momentos de explicação, de demonstração e de execução (Quadros 1 e 2).

Nota-se que a aprendizagem da VC no EAT não envolve a prática docente em situação de comando militar: o professor/instrutor deverá praticar os comandos “individualmente” e

“previamente” (BRASIL, 2015-a); e não é referido nenhum acompanhamento pelos pares (quadro 1). É determinado, no documento MCA 37-76 do EAT, que “os estagiários deverão, sempre que possível, praticar a voz de comando” (quadro 2); contudo não há detalhamento das situações em que deveriam ocorrer tais práticas.

O quadro 1 mostra que dentre os meios de comando, são caracterizados três tipos de vozes de comando, distintos em função das finalidades a que se prestam e de descritores indicativos de modos de realização. Quanto às finalidades: advertência = alerta/chamado; comando = o movimento (implica fraseologias); execução = o tempo (início/término) do movimento (ainda que, como afirma o próprio documento, por vezes a voz de comando propriamente dita também atue como voz de execução). Referente aos descritores e indicativos de modos de realização, há diferenças entre os três tipos de vozes de comando sugestivas de distinções: uma quantidade de descritores dá relevo à voz de comando e à voz de execução, o que permite supor que a essas seja atribuída maior importância.

No tocante aos descritores e indicativos de modos de realização, fica evidente que a demanda é pela realização de uma produção vocal, de uma expressividade oral que envolve a voz - materializada como oralidade, como linguagem oral (e não como linguagem escrita). Porém, os descritores e indicativos de modos de realização que se apresentam nos documentos encontram-se amparados nas ideias de silabação e de acentuação tônica (com a separação em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas), com base na escrita padrão da norma culta da língua portuguesa – e distanciada de questões de oralidade e variações linguísticas (BARZOTTO, 2004; CHAIBE e FERREIRA, 2018).

No item voz de execução (quadro 1), faz-se possível entender, pelos exemplos “VOLLL-VER!”, “MARRR-che!”, “EM FRENNN-te!”, “ARRR-ma!”, “PASSS-so!” e “PERRRFILAR!”, que os caracteres digitados em caixa alta ou maiúsculas supostamente indicam o(s) ponto(s) desejável de atribuição de ênfase, e o oposto também se afirma, ou seja, os segmentos digitados em caixa baixa ou minúsculas supostamente indicam a ausência de ênfase. Mas a repetição de determinados caracteres em caixa alta deixa dúvidas quanto ao exato modelo pretendido de produção vocal a ser almejada – já que a fala (oralidade) tem uma segmentação própria e a fonética nem sempre acompanha a silábica da escrita.

Também cabe observar, no quadro 1, que os discursos comportam orientações de ajustes específicos e exemplos que são geradores de dúvidas e confusões na produção da VC; dado que

falta clareza quanto ao ponto a ser enfatizado. Note-se, neste sentido, que as pistas visuais do descritivo da voz de execução destacam as consoantes: “VOLLL-VER!”, “MARRR-che!”, “FRENNN-te!”, “ARRR-ma!”, “PASSS-so! e PERRRFI-LAR!”.

No entanto, conhecimentos fonoaudiológicos ajudam a identificar que os textos analisados permitem confusões podendo, até mesmo, dificultar uma produção vocal de qualidade e efetividade – especialmente no tocante a atributos de conforto à fonação e de sonoridade e de projeção da voz. Neste sentido, cabe ressaltar que as vogais utilizam a fonte glótica em sua produção, com intensidade relativamente forte e longa duração; enquanto as consoantes são sons aperiódicos, de intensidade relativamente fraca e de curta duração. A intensidade é um parâmetro vocal importante na produção da VC. Contudo, a articulação e a ênfase (elevação de intensidade e prolongamentos podem ocorrer como recursos de ênfase) também conferem umas interpretações de poder, franqueza se sentimentos, vitalidade e energia (BEHLAU, MADAZIO, FEIJÓ e PONTES, 2001).

Note-se: em “MARRR-che!” e “ARRR-ma!”, a repetição da grafia da letra “R” sugere que a produção desse fonema deva ser repetida na oralidade - e não a vogal /a/. Em “EM FRENNN-te!”, a repetição gráfica do “N” indicaria que o fonema nasal correspondente a esse grafema deveria ser prolongado isoladamente – e não a vogal /e/. Em “VOLLL-VER!” a repetição da grafia da letra “L” sugere que o fonema correspondente (consoante líquida /l/) seja repetido - e não que a vogal /o/ seja prolongada. O mesmo ocorre em “PASSS-so!”, a repetição da grafia da letra “S” sugere ser a consoante /s/ o fonema a ser prolongado - e não que a vogal /a/ seja prolongada.

As vogais constituem o núcleo da sílaba, sendo nelas que se faz possível incidir o acento de altura e intensidade – nesse sentido, as vogais são sons fortes (mais fortes que as consoantes) que têm muita importância na caracterização da qualidade da voz (BEHLAU, DRAGONE e NAGANO, 2004; BEHLAU, PONTES e MORETI, 2017). As vogais são, portanto, os fonemas mais interessantes para explorar a ênfase da VC.

Além destas questões, apreende-se que os descritivos apresentam indícios que reportam a determinada psicodinâmica vocal³ - e, em desdobramentos desta, a parâmetros

³Em consonância com a perspectiva fonoaudiológica (BEHLAU, DRAGONE, NAGANO, 2004; BEHLAU, PONTES, MORETI, 2017), psicodinâmica vocal é a descrição da impressão transmitida pela voz de uma pessoa, considerando-se a sua qualidade vocal e os seus parâmetros vocais, na relação entre aspectos de personalidade,

vocais que atuam como recursos de ênfases, como *loudness* (ou sensação de intensidade), ritmo/velocidade e dicção/articulação, assim como os prolongamentos e as pausas. Note-se que, no quadro 1, no que diz respeito à VC propriamente dita, o descritivo orienta que os comandos sejam enunciados “de maneira enérgica”; e, referente à voz de execução, as orientações seguem no sentido de que seja “clara, enérgica e de intensidade proporcional ao efetivo”. Na mesma esteira, há que se observar que os descritivos referem “energia”, “intensidade” e “alongamento de enunciação de sílabas” (quadro 1); além de observar que os professores expressam o entendimento de que devem “falar em volume alto e com firmeza, na entonação adequada e alto” (Quadro 3 – S1).

Fica evidente a propensão a uma psicodinâmica vocal - que, no quesito enérgico, tem correspondência com vozes graves (grossas), de intensidade elevada (falar alto) e respiração profunda e ritmada; e, no quesito clareza, corresponde a à articulação (dicção) definida (BEHLAU, DRAGONE e NAGANO, 2004; BEHLAU, PONTES e MORETI, 2017).

Nota-se a contradição de conteúdos referentes à VC, nos documentos analisados – a qual ocorre, principalmente, entre a psicodinâmica vocal almejada/expressa e as pistas fornecidas nos descritivos para a produção de voz e fala.

Registra-se um paradoxo entre a expectativa de criação de uma psicodinâmica vocal enérgica e a orientação de que a ênfase seja dada em fonemas consonantais (que não conferem amplas possibilidades de atingir o objetivo almejado).

Nesta linha, as contradições expressas nos normativos podem confundir os professores em formação no EAT e dificultar o aprendizado da VC; e o paradoxo anteriormente citado pode levar os professores em formação no EAT, no afã da construção de uma psicodinâmica vocal que produza uma interpretação de autoridade, de força e de energia exacerbada sem contar com a assessoria de um profissional fonoaudiólogo (que, em ação de caráter educacional possibilitasse um preparo vocal, uma técnica vocal e um desenvolvimento da expressividade vocal e de uma assessoria adequada) terminem por realizar abusos e maus usos vocais (BEHLAU, PONTES e MORETI, 2017; MORA PINO *et al.*, 2018), com risco de prejuízos à sua saúde vocal.

emoções, sentimentos e comportamentos; e do impacto psicológico que a voz produz no ouvinte, acarretando na possibilidade de adequação/aceitação ou de inadequação/rejeição social.

Ademais, não foram identificados elementos de conteúdo, práticas e discussões que se mostrassem suficientes para oferecer embasamento e suporte para os processos envolvidos na produção da voz (ou dos seus mecanismos de controle e mudança vocal ou da qualidade vocal e dos seus parâmetros e recursos expressivos), bem como na compreensão dos fatores de risco para a voz e dos cuidados para promover a saúde e o bem-estar vocal (ZAMBON e BEHLAU, 2006; BEHLAU, PONTES e MORETI, 2017). A ausência de tais elementos potencializa as dificuldades dos professores na aprendizagem da VC e, conseqüentemente, produz entraves para a socialização profissional do professor na cultura docente no âmbito militar.

Gauthier *et al.* (2013) realça a dimensão persuasiva da comunicação pedagógica como um componente do repertório de conhecimentos específicos ao ensino.

O ensino – e o professor – precisa sempre de retórica: não basta que o discurso seja verdadeiro para ser ouvido, que seja claro para ser entendido, é preciso também que ele saiba captar a atenção, atingir aquele ao qual ele se dirige; ele precisa também manter a atenção, suscitar a adesão, vencer a resistência para liberar o desejo de aprender, de compreender e de transformar o mundo. Noutras palavras, não basta que um discurso pedagógico seja límpido para ser ouvido, que ele informe para ser captado, ele precisa também agradar e comover, tocar ao mesmo tempo o coração e a mente, suscitar o desejo e o entusiasmo, fazer sentido e provocar o encontro” (GAUTHIER *et al.*, 2013, p 382-383).

As mudanças de alguns parâmetros vocais produzem diferentes impactos, efeitos e interpretações nos ouvintes, sendo que o impacto psicológico que a voz provoca nos interlocutores é chamado psicodinâmica vocal.

Behlau (2005) apresenta as vozes preferidas referentes a diversas profissões e, para o militar em posição de comando, identifica os traços de voz de frequência grave, intensidade aumentada, ritmo marcado, projeção vocal, vogais prolongadas e qualidade vocal de tensa a comprimida; os quais são relacionados a uma psicodinâmica vocal de segurança, controle, autoridade e poder, com risco vocal entre discreto a moderado.

Já Behlau, Dragone e Nagano (2004) admitem que a psicodinâmica da voz do professor é determinante no processo educacional, dado que a expressão vocal influencia na interação e no vínculo entre professor e alunos e na aprendizagem, favorecendo a receptividade dos alunos e transmitindo energia, respeito, confiança, segurança, afeto e emoção.

Para Gauthier *et al.* (2013) a comunicação pedagógica é uma comunicação retórica, sendo que a dimensão persuasiva é a astúcia do discurso pedagógico - que se distingue da manipulação ou do doutrinamento na medida em que a retórica revela suas formas e fornece,

aos alunos, os meios de se apropriarem dos instrumentos necessários para tornarem-se mestres de seus efeitos. Ou seja: a retórica é educadora quando o ensino se torna regulação ética da astúcia ao revelar suas formas.

A retórica aristotélica contribui para entender a persuasão na VC: Aristóteles define o discurso epidíctico como tendo por objeto a censura e o louvor, o elogio, o vício e a virtude, além do apelo aos valores enaltecidos, reforçando-os. Com função retórica de coesão e identificação, a persuasão é associada ao estabelecimento de laços de comunidade, identidade de adesão e a uma tópica axiológica e social (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2018).

Desta feita, considera-se que a retórica que envolve a VC, no contexto formativo analisado, figura como um dispositivo: a) que propende à manipulação e ao doutrinamento - nos termos de Gauthier *et al.* (2013), a retórica que não revela suas formas deixa de ser educadora; e b) que propende para as funções de coesão e identificação, por inexistir crítica, reflexão, problematização, argumentação e diálogo (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2018).

Outro aspecto que merece atenção quando se trata da voz de professores de EF e do uso da VC militar é o problema dos exercícios físicos concomitantes ao uso da voz como fator de risco para a saúde vocal. Os exercícios físicos exigem elevada demanda respiratória, forçando a abertura das pregas vocais; de modo que não se recomenda falar durante exercícios como marchas e corridas (BEHLAU, DRAGONE e NAGANO, 2004). Apesar disso, estudos com militares identificaram ser rotineiras as práticas de exercícios físicos intensos concomitantes à produção vocal de brados, hinos e canções, de maneira forte/intensa e em ambientes abertos e ruidosos, o que faz o uso da VC, por oficiais militares, ser um fator condicionante de agravos à saúde vocal (NASCIMENTO, 2014; PEDERSEN e DRAGONE, 2018; SIQUEIRA, NASCIMENTO e NAKAMURA, 2019).

Por fim, nota-se, no MOU (quadro 1 - voz de execução) que “o comandante deverá emitir as vozes de comando na posição de sentido, com a frente voltada para a tropa, de um local em que possa ser visto e ouvido claramente por todos os militares”; e, no EAT, que uma menção é feita ao gesto, como um dos meios de comando (quadro 2). Trata-se de situações pontuais em que a VC foi relacionada a posturas, posições e gestualidades. Cabe, aqui, destacar a ideia de expressividade como interatividade entre os recursos corporais, verbais, vocais e emocionais – a despeito da maioria dos estudos com profissionais da voz priorizarem os aspectos de

comunicação oral (SANTOS e ANDRADA SILVA, 2016; SANTOS e FERREIRA, 2020) – inclusive de professores de EF escolar (PENTEADO, 2015).

Quadro 3 mostra, ainda, que os dispositivos de aprendizagem da VC são curriculares (o Manual Ordem Unida; o EAT com suas aulas e documentos) e extra-curriculares (vídeos de acesso aberto via internet). Neste sentido, vale observar que a análise de conteúdo dos documentos que embasam a formação dos instrutores de EF no âmbito do EAT em vistas à docência no COMAER, bem como a análise de conteúdo dos resultados das entrevistas mostraram que, referente à aprendizagem da VC e ao seu uso em sessões de Treinamento Físico e no ensino de EF no contexto militar, os desafios da formação docente envolvem: normativos e descritivos com falta de clareza, de informação e de conhecimento acerca de aspectos da linguagem oral (oralidade, fonética e expressividade) e da produção da voz/dos usos vocais profissionais; dissonâncias em questões que envolvem a psicodinâmica vocal; e ausência de discussão de temas ligados aos cuidados com a voz e a saúde vocal.

O quadro 3 também explicita que o agente de formação é um instrutor professor de EF que atua no treinamento físico profissional militar já experiente na instituição e que, no caso analisado, tinha a patente de Tenente.

Neste quadro é, ainda, afirmado o predomínio da estratégia de ensino modelar, com observação, repetição e correção. Neste sentido, os resultados corroboram Pimenta e Lima (2006) no tocante a formas de contemplar a prática, quais sejam: prática como imitação de modelos e a prática como instrumentalização técnica. Para estas autoras, na perspectiva da imitação de modelos ou “artesanal”, como uma “forma de aprender utilizando a imitação, a observação, a reprodução e, às vezes, a reelaboração dos modelos existentes”, na “prática modelar” não há aprendizagem e sim reprodução (PIMENTA e LIMA, 2006, p. 7-8). Já na prática como instrumentalização técnica se dá “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática” (PIMENTA e LIMA, 2006, p.37). Os resultados mostram que a aprendizagem da VC, pelos professores de EF do EAT vem se dando nos moldes de uma formação docente que se alinha a uma prática modelar.

Contudo, no meio militar esta prática formativa modelar ganha, ainda, outros contornos. Rosa e Brito (2010) contribuem para a especificidade deste delineamento, na medida em que elucidam alguns aspectos do processo de socialização militar: ela visa não somente inculcar a

doxa, como reconstruir um novo *habitus*; o que se dá por uma pedagogia do corpo, seguindo uma lógica performática e um caráter mimético de aprendizagem do corpo pelo corpo (demonstração e repetição continuada) criando um *esprit de corps*.

Fica, portanto, evidente que, na repetição de modelos gestuais e vocais pré-determinados; bem como na reprodução destes na prática docente dos instrutores de EF na instituição militar, o que ocorre é não somente uma aprendizagem do corpo pelo corpo, mas também o que se vê é uma formação pautada na prática pela prática, sem uma reflexão.

Neste sentido, corroboram-se as observações de Brand (2014), de que os valores militares são inculcados diariamente, nos alunos em formação militar, que acabam por reproduzi-los em suas falas e em seus comportamentos.

O corpo do militar, sua *hexis* corporal, está fortemente investido em sua relação com o mundo, obrigando-o a sofrer modificações em favor desta relação. Os militares aprendem pelo corpo, o que inclui uma maneira de andar, falar, vestir, cortar ou apresentar o cabelo, e se dirigir a outras pessoas" (...) "o *habitus* militar, em muitas ocasiões, condicionará o corpo a assumir gestos, verbalizações e movimentações, exteriorizados de modo inconsciente, que escapam ao controle do próprio sujeito (MOREIRA, CAVALCANTI, SOUZA, 2016, p.3031).

Frente às limitações das condições de aprendizagem da VC, às quais são submetidos os professores do EAT, pode-se notar que as facilidades e as dificuldades por eles enfrentadas não são relacionadas ao processo de socialização vivenciado no estágio; mas à personalidade e à socialização primária: S1: "eu não tinha vergonha como os demais (...) eu sabia como falar em público"; e S2: "vindo de um meio em que se fala baixo" (quadro 3).

A considerar que a VC pode ser um dos recursos de expressividade e de socialização profissional docente do professor de EF no ensino militar, registra-se o potencial da Fonoaudiologia para contribuições futuras nos assuntos ligados às interações, comunicação, linguagem, expressividade e uso profissional da voz.

Os conteúdos e práticas referentes ao uso profissional da voz, uso da VC ou aos cuidados com a saúde e o bem-estar vocal não são claramente contemplados nas diretrizes da formação de professores (BRASIL, 2015; 2019-a) e de professores de EF (BRASIL, 2018). No entanto algumas entradas para a discussão da temática da voz do professor no trabalho docente podem ser vislumbradas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial e Continuada em nível Superior de Profissionais do Magistério para as etapas da Educação Básica, que determinam que a formação docente deve contemplar, dentre outros aspectos, a ampliação e o

aperfeiçoamento do uso da língua portuguesa e da capacidade comunicativa oral, escrita e por meio de Libras (BRASIL, 2015). Recentemente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica apresenta, em sua base comum de formação (BNC-Formação), algumas competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos futuros professores: “utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para se expressar”; “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana”; e “interagir com os estudantes de maneira efetiva e clara, adotando estratégias de comunicação verbal e não verbal que assegurem o entendimento por todos” (BRASIL, 2019-a, p.7).

Quando se trata das políticas e diretrizes de formação docente no Brasil, a questão da voz do professor – e, mais especificamente, da VC dos professores/instrutores de EF em instituição militar – embora não esteja posta claramente, pode ser vislumbrada nas competências que envolvem: capacidade comunicativa oral (BRASIL, 2015); utilização da linguagem verbal e corporal e o cuidado com a saúde física e emocional; interação com os alunos, para a qual a comunicação verbal e não verbal se faz relevante (BRASIL, 2019-a); e, na política de formação docente, as “atividades de comunicação e expressão, visando à aquisição e à apropriação de recursos de linguagem capazes de comunicar, interpretar a realidade estudada e criar conexões com a vida social” (BRASIL 2018. p.04).

4. Considerações finais

Este artigo focalizou um processo de formação e socialização docente em instituição educacional militar que busca a adaptação de professores de Educação Física civis em instrutores militares com atenção para os seus dispositivos, mostrou que a voz de comando configura um dispositivo de controle que afirma a docência militar como trabalho moral na reprodução de uma formação docente alinhada a concepções arcaicas de ensino, como vocação ou ofício.

A voz de comando substancia as ações pedagógicas do EAT e deflagra a afirmação de uma pedagogia do corpo (“do corpo pelo corpo”) e “da prática pela prática”, sem as possibilidades de reflexão e de (re)criação que seriam caras a uma formação orientada para o desenvolvimento profissional docente e a profissionalização do ensino.

O cumprimento de normatizações e a repetição de modelos gestuais e vocais na prática docente dos professores/instrutores de EF (características do processo de ensino/aprendizagem da voz de comando militar) não possibilita, aos professores, o desenvolvimento amplo de sua expressividade. Uma formação modelar, pautada por padrões “corretos” a serem seguidos/reproduzidos, alinha-se à heteronomia e à concepção de docência como trabalho moral, que prescinde a reflexão.

Sendo a voz um dos objetos de trabalho da Fonoaudiologia (área de voz profissional), este artigo identifica que há um potencial a ser expandido, no tocante à atuação fonoaudiológica com enfoque educacional na formação docente voltada para o desenvolvimento da expressividade de professores. Neste sentido, o Fonoaudiólogo pode contribuir para o desvelamento de aspectos envolvidos no uso profissional da voz (produção vocal, parâmetros vocais, plasticidade vocal, psicodinâmica vocal e construção de uma cultura de cuidado com a voz, dentre outros), com destaque para o uso da voz de comando na especificidade da socialização em instituição educacional militar. Ademais, a Fonoaudiologia poderia oferecer subsídios técnicos que, igualmente, trariam contribuições importantes para o debate da dimensão persuasiva do discurso pedagógico (no sentido de melhor compreensão da retórica da comunicação pedagógica, revelando suas formas) e, também para o repertório de conhecimentos específicos ao ensino.

Este artigo afirmou a voz como um objeto de socialização: a construção social da voz se dá no espaço social no qual ela é produzida e em meio às relações sociais de forças e distribuição de poder. A voz de comando, no contexto educacional do EAT, integra a expressividade do professor/instrutor de Educação Física, respondendo às hierarquias e às relações verticalizadas de modo que ela contribui para a composição do *habitus* militar (do *ethos* profissional militar) integrando, ainda que de modo restrito, os processos de socialização e de desenvolvimento profissional docente.

As limitações do estudo dizem respeito à impossibilidade de generalização dos resultados, pois o curso analisado integra um contexto institucional militar específico (Aeronáutica). Assim, futuras investigações poderão envolver processos formativos de docentes similares, no âmbito do Exército e da Marinha - e não somente no Brasil.

Uma segunda limitação se refere ao recorte disciplinar da Educação Física e ao número restrito de sujeitos. Ainda que o presente estudo tenha envolvido a totalidade dos docentes de

Educação Física que realizaram o EAT, seria interessante que pesquisas futuras envolvessem um maior número de participantes, incluindo professores de outras disciplinas.

Um terceiro aspecto diz respeito à sugestão de que estudos futuros sobre a temática possam incluir, como estratégias metodológicas, a observação e o grupo focal.

Por fim, considerando o atual cenário político educacional brasileiro, de uma agenda conservadora do Estado que prevê a criação de 216 unidades de Escolas Cívico-Militares/ECM até 2023 (MEC, 2019), seria interessante um olhar investigativo acerca dos processos de socialização profissional vivenciados pelos professores das ECMs.

Concluindo, a voz de comando vai além da instituição militar e deflagra questões da formação de professores ligadas a processos de poder e controle sendo, também, reveladora do ensino como vocação e trabalho moral, a mostrar como perduram as tensões entre as formas antigas de ensino e as contemporâneas.

5. Agradecimentos

Este artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/ Brasil) - código de financiamento: 0001.

6. Referências

- ALBERO, B. La formation em tant que dispositif: du terme au concept. *In: CHARLIER Bernadette; HENRI, F. La technologie de l'éducation: recherches, pratiques et perspectives*. Paris: PUF, coll. "Apprendre", p.47-59, 2010.
- ATASSIO, A. P. **A Formação dos militares e a lógica da distinção hierárquica**. 34ª Encontro anual da ANPOCS ST 12 – Forças Armadas, Estado e Sociedade. Caxambu, Outubro, 2010. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st12-6/1441-aprado-a-formacao/file>. Acesso em: 13/09/2020.
- AMARAL, D. P., CASTRO, M. M. Educação Moral e Cívica: A retomada da obrigatoriedade pela agenda conservadora. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v.50, n. 178, out./dez., p. 1078-1096, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ffwXhX5d6v4tvQmwNc5wxGc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 21/10/2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 2010.
- BARROS FILHO, C. A construção social da voz. In: KYRILLOS, L. (org.). **Expressividade: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, p. 27-42, 2005.
- BARZOTTO, V. H. Nem respeitar, nem valorizar, nem adequar as variedades lingüísticas. **Revista Ecos**, v.2, n.1, p. 93-96, 2004.

- BEHLAU, M. **Voz: o livro do especialista** – V.II. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- BEHLAU, M.; SAVIOLLI, M. Caracterização vocal de alunos da academia de polícia militar Barro Branco: sinais e sintomas vocais e análise acústica. In: BEHLAU, M.; GASPARINI, G. (Org). **A voz do especialista III**. Rio de Janeiro: Revinter, p. 77-88, 2006.
- BEHLAU, M.; DRAGONE, M.L. NAGANO, L. **A voz que ensina – o professor e a comunicação oral em sala de aula**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- BEHLAU, M.; PONTES, P.; MORETI, F. **Higiene vocal – cuidando da voz**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2017.
- BEHLAU, M.; MADAZIO, G.; FEIJÓ, D.; PONTES, P. Avaliação de voz. In: BEHLAU, M. (Org). **Voz: o livro do especialista** - v. I. Rio de Janeiro: Revinter, p. 85-180, 2001.
- BRAND, A. F. **O processo de formação identitária e a incorporação, inculcação e encarnação do habitus militar: um estudo etnográfico na PMSC**. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- BRASIL, Ministério da Defesa. Portaria Normativa MD 660/2009. **Regulamento de continências, honras, sinais de respeito e cerimonial militar das forças armadas**, 2009. Acesso em: 08/4/2020.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Departamento de Ensino da Aeronáutica. Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 37-393, 2015. **Currículo Mínimo da 1ª Fase do Estágio de Adaptação Técnico**. Boletim do COMAER nº 160, 27/08/2015.
- BRASIL, Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica, Departamento de Ensino da Aeronáutica. **Plano de Unidades Didáticas da 1ª Fase do Estágio de Adaptação Técnico (EAT)**, MCA 37-76, 2015-a.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Departamento de Ensino da Aeronáutica. MCA 37-77/2015. **Plano de Avaliação 1ª Fase Estágio de Adaptação Técnico (EAT)**, 2015-b
- BRASIL, **Resolução CNE/CP nº.6**, 18 dezembro de 2018
- BRASIL, Nota de Serviço n.226/AFA/2019. **Estágio de Adaptação Técnica**, 2019.
- BRASIL, **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica. DOU de 10/2/2020, Seção 1, 2019-a, p. 87- 90.
- BRASIL, Ministério da Defesa. **Recrutamento e Mobilização de pessoal**. QOCON TEC Magistério EAT/EIT 2019-b.
- CHAIIBE, M.E.S.; FERREIRA, E. P. A variação linguística na educação contemporânea: concepções e práticas pedagógicas. **Exitus**, Santarém, v.8, n.2, p. 358-385, 2018.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. Nova tentativa de padronização dos currículos dos cursos de licenciatura no Brasil: a BNC-formação. **Práxis Educacional**, [S. l.], v.17, n.46, p.1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8916>
- Acesso em: 18/10/2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i46.8916

- DODIER, N.; BARBOT, J. A força dos dispositivos. **Rev. Soc. Estado**, v.32, n.2, Maio/Agosto, p. 487 – 518, 2017.
- DRAGONE, M. L.; GIOVANNI, L. O professor iniciante e a comunicação oral em sala de aula: algumas reflexões em direção a políticas de inserção profissional docente. *In: GIOVANNI, L.; MARIN, A. J. (orgs) Professores iniciantes: diferentes necessidades em diferentes contextos*. Araraquara: Junqueira & Marin, p. 61-78, 2014.
- FARIAS, T. A. M. T., PENTEADO, R. Z., SOUZA NETO, S. Socialização docente em instituição militar: A ação de comando como dispositivo. **Actualidades Investigativas en Educación**, v.21, n.3, p. 1-34, 2021.
- FERREIRA, L.; DRAGONE, M.L.; GIANNINI, S.P.; ZAMBON, F.C. Atuação fonoaudiológica com professores –da voz ocupacional à voz como recurso do trabalho docente. *In: MARCHESAN, I.Q.; SILVA, H.; TOMÉ, M. da C. Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia*. São Paulo: Gen/Roca, p.250-57, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas sobre o saber docente**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 480 p., 2013.
- MEC. **Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares**. Portal MEC. Disponível em: <http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/>. Acesso em: 30/04/2020.
- MORA PINO, K. M. *et al* . Contexto ocupacional, abuso y mal uso vocal em profesores de la ciudad de Iquique. **Ciencias e Trabajo**, Santiago, v.20, n.62, agosto, p.116-120, 2018.
- MOREIRA, N.X.; CAVALCANTI, L.F.; SOUZA, R.O. Os sentidos atribuídos ao fenômeno da deficiência a partir do *habitus* militar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n. 10, p. 3027-3035, 2016.
- NASCIMENTO, C.L. **Parâmetros acústicos da voz de militares em formação submetidos ao Programa de Treinamento Militar (PTM)**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, SP, 2014.
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**. v. 47, n.166, p.1106-1133, 2017.
- OLIVEIRA, H. S. J. de; OLIVEIRA, R J. Retórica e argumentação: contribuições para a educação escolar. **Educ. Rev.**, Curitiba, v.34, n.70, p. 197-212, 2018.
- PEDERSEN, V. J.; DRAGONE, M.L. Peculiaridades do uso da voz por professores de educação física escolar: origem e função interativa. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.30, n.1; p. 201-207, 2018.
- PENTEADO, R. Z. Linguagens nas interfaces educação e saúde: a expressividade do professor de educação física - estudo de revisão. **Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar**; ano 1, v.2, p. 125-147, 2015.
- PEREIRA, D.; GAYOTTO, L. H. A voz do militar: comandos e ajustes. *In: V Mostra de Estudos e Pesquisas sobre Voz da PUC-SP*; São Paulo, 2006.

- PIMENTA, G. S.; LIMA, M. S. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v.3, n. 3 e 4; p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <file:///C:/Users/tamar/Downloads/10542-Texto%20do%20artigo-40790-1-10-20100722.pdf>. Acesso em: 02/09/2020.
- ROSA, A.; BRITO, M. "Corpo e Alma" nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **Rev. Administração Contemporânea**, v.14, n.2, p. 194-211, 2010.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Revista Aedos**, v. 27, e2020011, 2020.
- SCHMIDT, B., PALAZZI, A., PICCININI, C. A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **REFACS** (online) Out/Dez, 8(4), 2020. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/4877>
Acesso em: 18/10/2020.
- SANTOS, F. A. **Caracterização da voz de comando de oficiais de polícia militar da academia de polícia militar Barro Branco** (monografia). São Paulo: CEV, 2005.
- SANTOS, T. D.; ANDRADA, M. A. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. **Rev. CEFAC**, v.18, n.6, p.1447-55, 2016.
- SANTOS, T. D.; FERREIRA, L. P. Expressividade do profissional da voz: processo de construção de um roteiro fonoaudiológico de observação. **CoDAS**, 32(2), p. 1-6, 2020.
- SIQUEIRA, J.; NASCIMENTO, C. L.; NAKAMURA, H.Y. **Cuidado com a saúde vocal de militares em formação**. Anais do XXVII Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP. Campinas, 16 a 18 outubro, 2019. <https://www.prp.unicamp.br/inscricaocongresso/resumos/2019P16030A29091O3127.pdf>. Acesso em: 15/11/2019.
- SOEIRO, R. S. P.; TUBINO, M. J. G. Contribuição da escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000. **Fitness & Performance Journal**, v.2, n.6, p.336-340, 2003. Disponível em: http://www.fpjournal.org.br/painel/arquivos/17264_Formacao_de_profissionais_Rev6_2003_Portugues.pdf. Acesso em: 26/03/2020.
- TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 551-571, abr.-jun., 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v34n123/fr_13.pdf Acesso: 27/03/2020.
- VASCONCELOS, E.; SCARPEL, R.; CAVALHEIRO, L.; MARTINS, F. Policiais militares negociadores: auto-avaliação dos recursos vocais e gestuais durante negociação. In: XIV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; out 4-7. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. Suplemento Especial. Salvador: SBFa., 2006.
- ZAMBON, F.; BEHLAU, M. **Bem-estar vocal – uma nova perspectiva de cuidar da voz**. São Paulo: Simpro/CEV, 2006.

Autores:

Regina Zanella Penteadó

Doutora em Educação na Universidade Estadual Paulista (UNESP - Rio Claro, Brasil) Linha: Formação de Professores e Trabalho Docente. Possui Pós-Doutorado em Educação (UNESP); Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva (FSP/USP); Fonoaudióloga com Especializações nas áreas de Voz e Linguagem. Desenvolve estudos na interface Educação, Saúde e Comunicação.

rzpenteadó@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2357-9380>

Tamara Aretta Mauerberg Teche de Farias

Doutoranda em Educação na Universidade Estadual Paulista (UNESP - Rio Claro, Brasil) -Linha: Formação de Professores e Trabalho Docente. Possui Mestrado em Educação (UNIMEP/Piracicaba).

tamaramteche@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6041-6874>

Samuel de Souza Neto

Professor Associado do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Rio Claro, Brasil). O *autor* possui Livre-Docência (UNESP); Pós-Doutorado no Centre de Recherche Interuniversitaire sur la Formation et Profession Enseignante (CRIFPE – Montréal, Canadá); Doutorado em Educação (USP) e Mestrado em Educação (UFSCar)

samuel.souza-neto@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8991-7039>